

## RESPONDENDO A UMA CARTA

Minha senhora. Eu sempre julguei que, terminadas as lutas da Vida, jamais poderia voltar o meu espirito das correntes tenebrosas do Stige, que os homens colocaram no Peloponeso escuro da Morte.

Mas, eis que volto dos palacetes aereos, onde se reconforta a minha alma, esquecida do jazigo subterraneo, onde repousam os meus alquebrados ossos, e recebo o angustioso apelo do seu coração. A senhora me envia uma cartinha breve, escrita com as proprias lagrimas da sua dor, fazendo-me confidente da sua imensa amargura, como se eu ainda estivesse aí no mundo, escravizado a todas as suas algemas e a todas as suas conveniencias, por mal dos pecados meus. Agora, porém, graças a Deus, estou isento de todas as pesadas contribuições terrestres, inclusive a do imposto do sêlo para enviar-lhe o meu pensamento.

Falo-lhe do mundo de vida nova e de maravilhosa ressurreição, onde a esperam aquele esposo dedicado e amigo e aquele filho valeroso e leal que a senhora viu partir para as fronteiras tristes e nubladas da Morte, como Niobe, petrificada no seu desespero inconsolável.

Os movimentos revolucionarios do Brasil

destroçaram-lhe o coração amoroso e sensibilissimo. Em 30, quando os politicos novos se rejubilavam sobre os destroços da Republica Velha, enquanto se ufanavam bandeiras e vibravam mocidades, a sua alma de mulher, sôzinha e triste, chorava sobre o tumulo do companheiro que Deus lhe havia dado, com que edificara, através da luta e dos anos, o ninho quente e doce, em cujos delicados contornos o seu espirito se havia dilatado, prolongando-se nos filhos, satélites abençoados do seu amor e do seu coração. Esse golpe foi a grande espada de dor, estraçalhando para sempre a tranquilidade da sua vida.

Mas, o Destino foi inflexivel e doloroso.

Em 35, eis que perde o seu filho, digno sucessor da patente do seu pai, num outro movimento de forças homicidas. A sua alma de viuva e de mãe se cobriu então de luto e de lagrimas para sempre. Uma saudade oceanica absorve-lhe todas as atividades e todos os momentos e, no silencio da noite, quando todos se entregam ao amolecimento e ao repouso, e seu Espirito está vigilante como os soldados de Pompéia, apezar dos decretos irrevogaveis do Destino, esperando que surjam as visões consoladoras do companheiro bem amado e do filho inesquecido, até que as primeiras claridades do dia venham desfazer o magnetismo

suave das suas esperanças. No mundo das suas recordações fulguram relampagos e, assombrada, a sua alma vê passar todos os dias, nas estradas imensas da sua amargura, os fantasmas de todos os seus sonhos mortos, mergulhados no ataúde de suas desilusões.

Para uma alma de mãe que chora, nunca ha consolação bastante no mundo. Um coração materno, pranteando sobre as lutas fratricidas, é sempre um simbolo dos sofrimentos da Humanidade, crucificada no madeiro das hostilidades patrióticas, que separaram os povos do amor fraterno, distilando o veneno do odio nos seus corações.

Já se disse que a guerra é o fator de todos os progressos do orbe, mas temos que convir em que toda a civilização é um produto detestável do martirologio das mães desveladas e sofredoras. É por isso, talvez, que a civilização dos homens cae sempre, na esteira infinita do tempo, como um fruto amargo e apodrecido. Todos os calendarios, surgidos nos milenios, assinalam epochas de opulencia e de grandeza, para se desfazerem nos abismos da miseria e da morte. No declinio de cada periodo evolutivo do planeta, reunem-se em vão os politicos e os guerreiros para salva-lo, como agora acontece no mundo ocidental, no desfaleiro da destruição. Criam-se conciliabulos

de paz impossivel, porque, através de todos os edificios suntuosos e de todas as doutrinas políticas, faz-se ouvir a mesma voz compassiva e lamentosa: — “Caim, que fizeste do teu irmão ?”

É que nunca se reuniram os homens para salvar a civilização, com a ternura das mães, com os seus devotamentos e com os seus sacrificios; nunca se recordaram de uma estatística dos corações maternos, antes de preparam uma batalha, embora se deva á mulher todos os monumentos de fé realizadora que os homens têm construído na face do mundo.

E, no seu caso, a dor que a martiriza fere mais fundo o seu coração, porque o seu esposo e o seu filho não pereceram num campo inimigo, onde batalhassem com o titulo de “bravos”, titulo esse ainda justificavel, em virtude da ignorancia das leis divinas, mas assassinados pelos seus próprios irmãos, com estupida crueldade. Os factos, em verdade, não pertencem á Historia Patria, mas, sim, á legislação do Código Penal. Todavia, minha senhora, não busque a proteção das leis judiciais, estruturadas pelos homens. Subordine os julgamentos dos atos perversos de que foi objeto ao Tribunal Divino, que legisla acima de todas as forças políticas da Terra.

Sofra a sua dor com amargurada resignação.

O sofrimento é como um absinto maravilhoso. Se a sua taça está hoje cheia de fel inevitável, esse líquido amargo nunca se esvai. Aqueles que lh' o deram vêm a traz dos seus passos. O mesmo fel os aguarda, nos caminhos tortuosos da Vida.

Eu não tenho argumentos para consolá-la, senão o de minha própria sobrevivência, fornecendo-lhe a certeza de que um dia encontrará, numa vida melhor, os bem amados do seu coração. A sua dor é daquelas que a esponja insaciável do Tempo não apaga na Terra; mas, viva a sua existência com as esperanças colocadas no Céu. Lembre-se da Mãe de Jesus; ela sintetiza as angustias de todos os corações maternos, perdidos, como flores divinas, entre as urzes e entre os espinhos do mundo, e se sentirá tocada de uma luz suave e misericordiosa. Uma sagrada e terna esperança balasmará, como um luar perene, a noite das suas desventuras, adquirindo a força necessária para vencer nas estradas ríspidas e espinhosas. Amparada na sua fé, espere no altar da oração o dia de sua liberdade espiritual. Nessa hora de claridades doces e alegres para o seu coração, a senhora verá que, no turbi-

lhão das lutas da Terra, todos os que contemplam o Céu são também por ele contemplados.

20 de Abril de 1937.

### TIRADENTES

Dos infelizes protagonistas da Inconfidência Mineira, no dia 21 de abril de todos os anos, aqueles que podem excursionar à Terra volvem às ruínas de Ouro Preto, afim de se reunirem entre as velhas paredes da casa humilde do sítio da Cachoeira, trazendo a sua homenagem de amor à personalidade de Tiradentes.

Nessas assembléias espirituais, que os encarnados poderiam considerar como reuniões de sombras, os preitos de amor são mais expressivos e mais sinceros, livres de todos os enganos da História e das hipocrisias convencionais.

Ainda agora, compareci a essa festividade de corações, integrando a caravana de alguns brasileiros desencarnados que para lá se dirigiu, associando-se às comemorações do proto-martir da emancipação do paiz.

Nunca tive muito contato com as coisas